

8.

QUEM FOI PARA PORTUGAL PERDEU O LUGAR: VAI O PAI, FICA O FILHO

A população que havia ficado em Portugal passou a se sentir injustiçada com a permanência do rei na colônia e com a escassa participação política nos rumos do Império e do Estado lusitano. Ao mesmo tempo, iluministas e conservadores exigiram em 1820 a volta de d. João VI a Portugal, além da promulgação de uma Constituição para o reino.

As Cortes Constitucionais assumiram o poder *de facto*, e o monarca atendeu às exigências dos súditos revoltados. Ao regressar a Lisboa, d. João VI aceitou jurar a Constituição Liberal. A elaboração de uma Constituição para Portugal (e, portanto, para suas colônias) ocasionou a convocação de numerosos deputados provinciais do Brasil, que assim, pela primeira vez, puderam participar de instância de decisão na política da metrópole, apesar de perceberem que a autonomia do Brasil, na ótica das lideranças portuguesas, parecia ter seus dias contados. Além do mais, com o regresso do rei a Portugal, incendiaram-se de vez as ambições independentistas no Brasil.

O príncipe regente d. Pedro, deixado no governo do Brasil pelo pai, logo aglutinou em torno de si as forças sociais cada vez mais organizadas que desejavam a emancipação do país. No final de 1821, as Cortes determinaram que d. Pedro voltasse à pátria-mãe e reduziram a escassa autonomia concedida à colônia por d. João VI. Foi o pretexto para o início de choques políticos e militares que culminaram, em 7 de setembro de 1822, no episódio que ficou conhecido como “Grito do Ipiranga”. O jovem príncipe foi aclamado primei-



8.1. *Independência ou morte* ou *O grito do Ipiranga*, óleo sobre tela de Pedro Américo de Figueiredo e Melo, 1888.*

ro imperador do Brasil, a partir de um acordo com elites locais, e com o título de d. Pedro I. Numa cartela de escolhas políticas possíveis, fez-se o Brasil uma monarquia rodeada de jovens repúblicas.

* As legendas interpretativas das autoras estão no final deste capítulo.

ATIVIDADES PROPOSTAS



8.2. Ilustrações extraídas do livro *D. João Carioca: A corte portuguesa chega ao Brasil (1808-1821)*, Lília Moritz Schwarcz e Spacca, 2007.

1. Em função das demandas do jogo político estabelecido por d. João e da relativa boa adaptação aos trópicos, a família real portuguesa governou seu império a partir do Brasil de 1808 até 1821. Converse com os alunos para que leiam a parte inicial do capítulo e respondam às questões abaixo:
 - a. Quais foram os motivos que levaram d. João a regressar à Europa?
 - b. Quais turbulências e ameaças Pedro, filho de d. João, teria que solucionar no Brasil?
2. É impossível biografar o Brasil sem valorizar a participação de José Bonifácio de Andrada e Silva. Encomende aos alunos um perfil desse personagem tão atuante na política dos períodos da independência, comentando sua relevância política, suas contribuições e seu posicionamento sobre o projeto de manutenção da monarquia no Brasil.

3. A Independência do Brasil é, de alguma maneira, um reflexo de realidades políticas tão diversas quanto complexas, que possuíam alguns dos seus espelhos direcionados para a colônia e tantos outros para Portugal. O contexto, marcado pelo fim da era napoleônica e suas convenções diplomáticas posteriores, como as cortes de Cádiz e de Lisboa, indicava, mais do que a independência de um novo país, outro modelo político para a Europa e para o mundo. Escute e leia com os alunos estas estrofes do Hino da Independência, com letra de Evaristo da Veiga e música do próprio d. Pedro, e, depois disso, realize com eles as atividades abaixo discriminadas.

[...]

*Os grillhões que nos forjava
Da perfídia astuto ardil...
Houve mão mais poderosa:
Zombou deles o Brasil.*

*Brava gente brasileira!
Longe vá... temor servil:
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil.*

[...]

- a. Comentar a nova estrutura de Estado que se formava a partir de então, tanto em Portugal como no Brasil. Quais eram as diferentes realidades e necessidades? Que novidades o momento trazia quando comparado com antigos modelos?;
- b. Identificar nas estrofes do hino caracterizações negativas da presença portuguesa no Brasil, explorando seus possíveis significados;
- c. Se o passado era visto como negativo, por que a formação do Estado brasileiro manteve o modelo português da monarquia?
4. Panfletos são um gênero de literatura política de teoria, argumento, opinião e polêmica que funcionou como o meio de comunicação mais importante para divulgação de ideias entre os séculos XVII e XVIII. A escrita de um folheto não seguia um padrão determinado: podia ser prosa ou verso. Também incorporava uma grande variedade de gêneros: tratados e ensaios, sermões, correspondência, discursos, fábulas, diálogos e poemas. Um bom panfleto precisava apenas seguir quatro regras básicas: ser tópico, incluir muita polêmica, mirar alvos imediatos e ser curto.
- Entre 1820 e 1823, os panfletos invadiram as ruas e as praças de várias cidades brasileiras e apresentavam o ponto de vista dos sujeitos anônimos e comuns acerca dos episódios que resultaram na Independência do Brasil.
- Debata com os alunos o que são os panfletos e sua importância política. Depois da

discussão, peça a eles que escolham um episódio atual da nossa história e redijam um panfleto. Em seguida, proponha aos alunos a leitura pública seguida de comentários.

Sugestão de material de apoio:

José Murilo de Carvalho, Lúcia Bastos e Marcello Basile (Orgs.). *Às armas, cidadãos!: Panfletos manuscritos da Independência do Brasil*. São Paulo, Belo Horizonte: Companhia das Letras, Editora UFMG, 2012.

5. A Independência do Brasil é repleta de fatos decisivos que, de maneira cumulativa, construíram a emancipação. No entanto, diversas outras cenas que compõem a memória e a história nacional não chegaram a ocorrer efetivamente ou, pelo menos, não exatamente da forma como se conta. O mito edificador da nação foi construído conscientemente em períodos posteriores à Independência. Nesse âmbito, apresente as seguintes atividades aos alunos:

- a. Identificar elementos míticos da memória nacional que foram desconstruídos neste capítulo;
- b. A partir dessa leitura, construir um panorama abrangente para explicar em linhas gerais os diferentes fatores que levaram à construção do Brasil independente;
- c. Assistir ao filme *Independência ou morte* (1972), dirigido por Carlos Coimbra, e analisar a imagem 8.1. (imagem 55 do livro) — tela *Independência ou morte* ou *O grito do Ipiranga* (1888), de Pedro Américo. A partir dos dois documentos, observar semelhanças e diferenças entre o filme e a pintura e interpretar que tipo de história está sendo contada nesses dois documentos.

LEGENDAS INTERPRETATIVAS DAS AUTORAS

8.1. O mais famoso quadro sobre a Independência do Brasil foi concluído apenas nos anos de Pedro II, no ocaso do Império brasileiro: em 1888. Vivendo um momento de crise, o monarca buscou recuperar a magnitude do ato da emancipação e a figura do pai, Pedro I, encomendando a Pedro Américo (1834-1905) — um dos seus artistas protegidos e financiados pelo Estado — uma cena engrandecedora. Nada corresponde à realidade: as vestes de Pedro I e da corte, a quantidade de gente, o riacho do Ipiranga (devidamente aproximado), e até a colina mais elevada, cuja inspiração veio de um quadro de Ernest Meissonier, *Batalha de Friedland*, em homenagem a Napoleão Bonaparte e seu exército. Em nome da pátria, Américo assassinou a geografia.

8.2. No quadrinho *D. João Carioca*, Spacca destaca no desenho a grande diferença entre d. João e d. Pedro. O primeiro, mais baixo e bonachão; o segundo, altivo e com ar de galã de cinema.